

# Suplemento Cultural

## Tese de Doutorado enfoca telurismo poético na Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

**RUBENIO MARCELO** – membro e secretário-geral da ASL

Nos dias atuais ainda se discute muito, em terras sul-mato-grossenses, a questão da identidade local. E esta discussão passa pelos diversos meios sociais, entre eles o histórico, o político, o cultural e o educacional. Assim, o que se nota é que uma interrogação é frequente e sempre atual: – qual a identidade do povo sul-mato-grossense?

Neste sentido, o trabalho acadêmico intitulado *“Lírica e identidade: o telurismo poético na Academia Sul-Mato-Grossense de Letras”*, do professor Emílio Davi Sampaio (da Universidade Estadual de Mato Grosso Sul – UEMS), traz, para ampliar o assunto, a voz de uma instituição representativa no âmbito cultural: a ASL, que recentemente comemorou quarenta e três anos de fundação. Salienta-se que este elogiável ensaio é fruto da tese de Doutorado de Emílio Davi, defendida na UFRGS, no ano passado, sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup> Jane Fraga Tutikian, que também é escritora e conferencista.

A abalizada análise enfoca a poética telúrica e reúne seletos textos de membros da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, poemas publicados nas décadas de 1980, 1990 e 2000. Dentre os textos estudados, destacam-se “Guavirais” e “Mapa da Guerra”, de Raquel Naveira; “Meu Mato Grosso do Sul”, de Elpidio Reis; “Cidade Morena”, de Otávio



**BRASÃO DA ASL** – Instituído na gestão Elpidio Reis como presidente e acadêmico Hildebrando Campestrini como secretário-geral

Gonçalves Gomes; “Céu do Pantanal” e “Corumbá”, de Rubenio Marcelo; “Viagem no carro de boi”, de Américo Calheiros; “Pantaneiro” e “Malbenditos tucanos”, de José Pedro Frazão; e, “Pantanal – amor – destruição”, de Guimarães Rocha.

Nos poemas, os temas mais desenvolvidos vão focalizar a natureza, o ser humano e sua relação com o ambiente rural, a saudação e a homenagem à terra – assim assegura o prof. Emílio, num trecho da sua obra: “Estes tópicos são expressos do ponto de vista idílico e fundacional, com atenção voltada para um tom laudatório e refletidos nos

espaços destacados da terra sul-mato-grossense, o que revela tradição e naturalufanismo. Constata-se que a poesia estudada descreve e narra, de forma encomiástica, a terra, revelando uma identidade centrada na tradicionalidade e no valor histórico das coisas desta mesma terra. Para tal feito, os autores recuperaram em suas memórias, entre diversos aspectos, a natureza, o povo, fatos pessoais, históricos, políticos e geográficos”.

E, encerrando as suas considerações, afirma o ilustre professor: “por fim, concluímos que a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras assume um papel fundamental para a comunidade cultural de Mato Grosso do Sul e, se entendermos o Brasil como uma unidade de diversidades, para a memória cultural do país. Sua intenção discursiva é clara e a leitura fenomenológica dos poemas, através de Ingarden, nos mostra isto; trata-se da constituição de um espaço idealizado e, neste sentido, buscando dignificá-lo através de elementos identitários de um povo, enfatizando o sentimento de pertença e contribuindo para um pensamento pátrio vigoroso, que valoriza a história e a origem das coisas da terra”.

Emílio Davi Sampaio é docente/pesquisador dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Letras da UEMS. Mestre em Educação pela UFSCar e Doutor em Letras pela UFRGS. É docente/formador da Rede de Ancoragem da Olimpíada da Língua Portuguesa no Mato Grosso

“

A abalizada análise enfoca a poética telúrica e reúne seletos textos de membros da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, poemas publicados nas décadas de 1980, 1990 e 2000”

do Sul. Organizou os seguintes livros: “Relatos e contos de Dourados” (2004), e “Estudos da Linguagem e de Literatura” (2009). Tem experiência na área literária, com ênfase em Literatura Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes assuntos: historiografia, ensino, leitura, poesia e conceitos. Também conferencista, Emílio ministrará – como convidado da ASL – uma concisa palestra (acerca do tema da sua tese) no primeiro *‘Chá Acadêmico da ASL’* deste ano: evento cultural que acontecerá na próxima quinta-feira (26 de fevereiro, às 19h), na ACP – Rua Sete de Setembro, quase esquina com Rui Barbosa – com entrada franca. Vale a pena conferir!

## CÁ E LÁ

**FLORA THOMÉ**

Quando se sai de alguma rotina, qualquer que seja, retornar nem sempre é fácil; pouca vontade, preguiça, ou falta de disposição. Algumas vezes, exigem esforço físico; outras, mentais ou afetivas. Quanto à minha, refiro-me ao ato de escrever. Algumas ideias nos rondam: falar sobre o quê, será algo interessante? Que novidades circulam por aí? Desde quando em cidades como a nossa, fatos e eventos ocorrem a todo instante? ... e, por aí... vamos... Com a idade que avança e os neurônios em número cada vez menor, surge, como é natural, uma preguiça que se instala lá

dentro e nos deixa, apenas, na vontade... Por outro lado, parar, ficar somente na intenção nos remete a uma inquietação de que não podemos e nem devemos regredir, estacionar e, muito menos, entregar os pontos!!! Decisão tomada: veja o luta, ou melhor, ao computador... Seja o que Deus quiser e os leitores acharem...

É verdade que quando escrevo, o maior desejo é acabar logo e voltar ao “nada fazer” jogando conversas, ideias e pensamentos fora... Parodiando Armando Nogueira: “não gosto de escrever, gosto de ter escrito...”

Esse atual “estado” de “que escrever é quase uma crise” é ocasional. Produto de dois meses desfrutados no Rio de Janeiro, que continua lindo, apesar da violência e de outros senões particulares, íntimos, doídos e saudosos. A perda de uma amiga mais do que amiga. Alguém que

nos ensinou a conhecer e amar a Cidade Maravilhosa... Nossa paixão e admiração, pelo Rio de todos os janeiros, deve-se a ela, Abadia... Companheira e amiga fraterna. Dela, as melhores lembranças; para ela, o nosso carinho por tudo que diz respeito à cidade que tanto amou e, como poucos cariocas são capazes de fazê-lo: amar intensamente esse pedaço de Brasil, cujo território é mundialmente conhecido por Copacabana... E pensando nela, nessa figura de olhos tão azuis como o mar, é que me vejo “presa”, sem muita vontade de escrever ou de comentar sobre coisas que ocorrem à nossa volta... Enfim, cá estamos quase por inteira, conforme um haicai de nossa autoria:

Quase flor  
Quase flora

Falta adubo...

Maria Bethânia, como cantora e intérprete, cada vez melhor... Assistimos a seu último e excelente show. Brasileirinho. Da imprensa, crítica e público, os melhores e maiores elogios. O Canecão, como poucas vezes o vimos, com lotações esgotadas. Vale a pena vê-lo, revê-lo, considerando, é claro, a clássica e perfeita presença de Bethânia no palco. Domínio total.

O show é um mergulho profundo nas raízes nacionais. É composto de lendas amazônicas, composições folclóricas, músicas religiosas e sambas cariocas. Mistura harmoniosa e bem-sucedida dirigida por Bia Lessa. “Brasileirinho é o retrato de um país alegre, leve, rural e urbano, pueril, delicado e vibrante, cheio de esperança e despreendimento...”

## As mãos do Destino

**ALTEVIR ALENCAR**

O que tem de José de Ribamar no Maranhão, de Francisco no Ceará, de Severino em Pernambuco, de Sérgio no Rio e de Ramão no Mato Grosso do Sul, não está no gibi. Em 1990, ainda moço mas já aposentado, por que comecei a trabalhar quando adolescente, e depois de longa peregrinação por terra alheia, retornei ao Piauí com ânimo definitivo. A ideia era me recolher a Alto Longá, onde teria um começo de velhice calmo no recesso do meu povo, lendo e escrevendo meus livros “longe do estéril turbilhão das ruas”. Mas decidi ficar em Teresina. Montei escritório no Edifício Oeiras, no centro da cidade. Criminalista, estava trabalhando de graça: os constituintes ricos, em nome de uma cretina “amizade”, não pagavam meus honorários advocatícios; os pobres, por não terem com que pagar e porque no Piauí há poucos Defensores Públicos, remunerados pelo Estado exatamente para assistir esses infelizes na justiça – que são muitos –, principalmente na área criminal. Atuei intensamente no Tribunal do Júri sempre na Defesa, em Terezinha, Alto Longá, Porto, Paranaíba, Floriano, Campo Maior e Timon, sem ganhar praticamente nada, até que um dia fiz um Júri em São Luís (MA), caso rumoroso, com grande repercussão na “Athenas Brasileiras”, quando defendi um rico empresário, que surpreendeu a esposa num motel, trancada num quarto com um amante, matando a mulher e ferindo, a tiros de revólver, seu parcei-

ro. O réu foi absolvido. Ganhei ali, subitamente, por força da mídia eletrônica, nome e renome em todo aquele Estado. Passei a ser convocado para atuar no Tribunal Popular em Caxias, Bacabal, Imperatriz, Pitoró, Coelho Neto, Pedreiras, Codó, Brejo, São João dos Patos e outras comarcas. Resumindo: meu escritório era aqui, mas advogava exclusivamente no Maranhão. Tive um cliente, José de Ribamar Costa, vulgo *Olho de Bomba*. Analfabeto, sobrevivia na mais completa miséria num casebre de palhas e chão batido, nos arredores de Timon, com a mulher esquelética, Dona Perpétua, e cinco filhos, entre os quais Isabel, de 16 anos, loirinha, magra e suja, a única que estudava. Olho de Bomba era ladrão por imposição incoercível da própria miséria. Mas só assaltava farmácias, e de madrugada. Os receptadores, farmacistas inescrupulosos. Tirei *Olho de Bomba* da cadeia mais de dez vezes, impetrando Ordem de *Habeas Corpus* por extrapolação do prazo legal na conclusão dos inquéritos policiais, o que transformava essas prisões em constrangimento ilegal. Em 1991 ele e a família desapareceram, sumiram, como se diz.

Há poucos dias recebi, no meu gabinete, a visita da médica cirurgiã Isabel, que se apresentou:

– Sou filha do *Olho de Bomba*, lembra-se? Meus pais moram em Brasília (Ceilândia). Papai está aposentado, por um acidente no trabalho. Era operário da construção civil. Nunca esqueceu do senhor e do bem que tanto fez a ele no seu infortúnio. Perdi-me que lhe desse este abraço e este beijo.

## 3 Casos de dentistas

**EDUARDO MACHADO METELLO**

Da janela do meu quarto, no apartamento de Copacabana, no Rio, eu via o pessoal na praia, naquele dezembro de calor intenso.

Louco para dar uma nadada e me refrescar, era obrigado, com o mar tão próximo, a ficar estudando para o vestibular que se avizinhava.

De repente, coisa pior veio a tona: uma dor de dente horrível me acometeu. Desvairado, procurei o primeiro dentista do bairro, ali perto.

Creio que por preguiça, ou incompetência, ele declarou que precisava arrancar o dente, em vez de tratar do canal, talvez a solução correta.

Naquela aflição, concordei com o seu veredicto absurdo. Feito o serviço, aliviado, voltei para o meu estudo.

Daí a pouco, passado o efeito da anestesia, a dor voltou de maneira violenta. O tal dentista tinha arrancado o dente errado. O objeto da condenação ainda estava doendo na minha boca.

A dor terrível – pasmem – me fez concordar com uma nova extração, feita pelo mesmo famigerado profissional.

E por causa disso, fiz o vestibular e convivi por muito tempo, com duas falhas nos dentes, felizmente bem no fundo da boca.

\*\*\*

Naquele tempo, eram poucos os dentistas, por aqui. Um deles, recém-formado, ficara satisfeito com o último cliente. O turco estava sentado na cadeira profissional, com a boca aberta.

O dentista preparava a forma e a massa,

para tirar o molde da boca do cliente. Na hora de retirar a forma, quem disse que ela saía. Grudara no céu da boca do turco.

O dentista, assustado, procurava nos livros o que devia fazer para retirar o molde. Parece que se esquecera de colocar uma substância necessária para que a massa se soltasse.

E agora? Forçando bastante, conseguiu despregar a forma, arrancando com ele boa parte da mucosa do céu da boca do cliente.

O turco saiu cuspidor sangue, dizendo que ia à sua casa buscar o revólver para matar o profissional.

Dizem que o dentista sumiu da cidade, desistindo da profissão...

\*\*\*

Sentado na cadeira do dentista eu estava esperando a extração do dente de siso. Estes últimos dentes são, em geral, cheios de problemas, com raízes torcidas e outras dificuldades.

O Ari de Sousa, parente e amigo, suava para dar conta do recado: o dente não queria sair.

Com uma espécie de talhadeira, encostada no dente, batia nela com um martelo para desencravar o siso.

Apavorado, eu me contorcía na cadeira, não podendo fazer nada para melhorar a situação.

Pensando que estivesse doendo muito, ou coisa parecida, o Ari me tranquilizava: – Calma, nego velho. Está quase acabando!

Mas não era a dor que me atormentava. O medo era que a talhadeira, ou que odontologicamente outro nome tenha, escapasse, me cortando a veia jugular!

Maus momentos aqueles...

## POESIAS

**HERANÇA BENDITA**

Neste mundo tão fútil, tão perverso,  
(Quando se apega à gana da matéria)  
Muitos riem por ver-me fazer verso  
Ou pulsar na viola a minha artéria.

Dizem que teço o meu futuro inverso,  
Que amor e sonho rendem só miséria.  
E eu lhes respondo – Pois neste universo  
É que enriqueço e lego herança etérea;

Um legado de música e poesia  
Que endossa a milenar filosofia  
De que recebe bens quem dá esmola...

Pois são meus cantos dádivas de alento  
Que vou doando a irmãos em sofrimento,  
Cuja dor só com versos se consola!

**GERALDO RAMON PEREIRA**

**MEU DEUS!**

Meu Deus!  
Vós que criastes o céu,  
A terra e o mar  
E os astros da abóbada infinita,  
Que nem pode nossa vista  
Alcançar...  
De vossas mãos saíram  
As pedras preciosas,  
A beleza das flores  
E a alva espuma finíssima  
Das ondas do mar...  
Na profusão magnífica das cores...

Vossa, toda a potência,  
Toda a força e beleza  
Que regem  
E dominam a natureza!...

Fazei, Senhor,  
Que os cofres da Nação  
Se abram para que  
Eu deles retire  
Apenas o que falta  
Àquelas crianças órfãs,  
Sem pais, sem lar, sem pão...

Nada peço para mim, Senhor...  
A mim me basta  
O vosso paternal amor.

**OLIVA ENCISO**

## Edital de Convocação – ASL

O Presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, no uso de suas atribuições e em cumprimento ao art. 23 do Estatuto da ASL, convoca os membros efetivos da Academia para assembleia geral a realizar-se na sede da ASL, no próximo dia **27 de fevereiro**, às 15h. A assembleia – que deliberará sobre assunto constante nos arts. 13 e 23, II, do Estatuto da ASL – realizar-se-á nos seguintes termos: a) em primeira convocação, no dia e horário estabelecidos por este edital, com a presença de, no mínimo, cinquenta por cento dos acadêmicos mais um; ou b) em segunda convocação, com um quarto deles, após 30 (trinta) minutos do horário previsto para a primeira convocação.

Campo Grande, 14 de fevereiro de 2015  
– Reginaldo Alves de Araújo.

## NOTÍCIAS DA ACADEMIA

**‘CHÁ ACADÊMICO DA ASL’ ACONTECERÁ NA PRÓXIMA QUINTA-FEIRA** – A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (ASL), em parceria com a Associação Campo-Grandense de Professores (ACP), apresentará na quinta-feira (26/02), às 19h (na sede da ACP – Rua 7 de Setembro, esquina com Rui Barbosa), o seu primeiro *Chá Acadêmico* do corrente ano. Na ocasião, haverá uma concisa palestra do Professor Dr. Emílio Davi Sampaio, que discorrerá sobre o tema: *“Lírica e identidade: o telurismo poético na Academia Sul-Mato-Grossense de Letras”*.

Residente em Dourados/MS, Emílio Davi é docente/pesquisador dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Letras da UEMS. Mestre em Educação pela UFSCar e Doutor em Letras pela UFRGS. É docente/formador da Rede de Ancoragem da Olimpíada da Língua Portuguesa no MS. Organizou os seguintes livros: “Relatos e contos de Dourados” (2004), e “Estudos da Linguagem e de Literatura” (2009). Tem experiência na área literária, com ênfase em Literatura Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes assuntos: historiografia, ensino, leitura, poesia e conceitos.